



O Núcleo de São Leopoldo realizou encontro preparatório para a Jornada 2013 da SPRGS. Convidadas: Magda Mello, Marisa Faermann Eizirik e Renata Amélia Roos discutiram sobre o tema "Amor, Felicidade e Poder"



O primeiro encontro preparatório para a Jornada 2013 da SPRGS, cujo tema foi "A Felicidade, desesperadamente - diálogos a partir de André Comte-Sponville" reuniu grande público na sede da SPRGS, no dia 20 de março. Convidadas: Marisa Eizirik, coordenadora da Jornada 2013, e Carmen Muratore comandaram o debate.

## Encontros preparatórios Jornada 2013 "Há vida no tempo no tempo da vida"

**E**stamos em período de concluir nossos trabalhos do primeiro semestre e ao mesmo tempo período de entrega tanto dos materiais quanto do nosso esforço e de doação em mais uma vez seguir fazendo com êxito nossa tarefa de coletar e editar os materiais que chegam até nós. Nosso informativo vem sendo cada vez mais elogiado no meio psi. Chega às casas dos sócios em todo o Rio Grande do Sul em sua versão impressa e com sua versão on line sendo bastante acessada.

Há mais de dois anos a Comissão Editorial tomou novo formato. Em uma reunião, Mônica Echeverria, a qual na época era a única responsável pela Editoração, convidou para ingressar nessa Comissão Gabriela Filipouski, Leonardo Della Pasqua e Luciana M. de Azevedo. Período de muito aprendizado. O empenho continuou com Gabriela e Luciana. Hoje percebemos o quanto vale a pena todo o investimento e temos a satisfação de ver e perceber o reconhecimento do trabalho desenvolvido.

Nesse último ano, agregamos à nossa equipe uma nova integrante, Daniela Raskin, que aceitou prontamente o convite. Novas ideias, sugestões e inovações. O novo sempre é bom, traz ânimo. Dizem que com o tempo tudo melhora. Acredi-

tamos que com o passar do tempo nada fica ultrapassado e sim o novo ganha seu lugar. E é através das trocas que surge um novo olhar, a busca de querer algo mais novo e moderno, tanto para os novos sócios quanto para aqueles que fundaram a SPRGS. Nossa intenção desde o princípio era de que sempre estivéssemos em troca, em que o tempo estivesse a nosso favor, que o espaço físico não existisse. O que queremos dizer é que estamos percebendo que muitas vezes o tempo exige de nós uma limitação que se impõe com uma data, um prazo para recebimento de textos, de entrega, de diagramação e de espaço, já que muitas vezes nossos colaboradores gostariam de escrever mais, porém nosso espaço físico no momento acaba por não permitir tal ação. Com isso, ficamos muito honrados e agradecidos por todos os materiais que temos recebido.

Desse modo, desejamos que a nova Diretoria venha com muito sucesso e muita energia para assim dar continuidade a várias conquistas até aqui já realizadas.

### Comissão Editorial

**Daniela Raskin, Gabriela Filipouski, Luciana M. de Azevedo**

## Novos Sócios

Alessia da Silveira Carpes  
Anamaria Xavier Roque  
Berenice Moura da Roza  
Camila Camaratta  
Caroline Caetano dos Santos

Caroline Portz  
Clarissa Galecki Andrade  
Claudia Maria Pedrosa Dias  
Cristina Gudolle Herbstrith  
Daniele Silva da Silva

Débora Pacheco de Abreu  
Elisa Koff Dametto  
Isabel Leite Celia  
Jéssica Alves Pozzebon  
Katia Mottin Tedeschi

Márcia Feiten  
Mariana Bortoncello Filippin  
Mariele de Moraes Gomes Inghes  
Milena Nardini Bubols

## Expediente

### DIRETORIA

#### Presidente:

Leonardo Della Pasqua

#### Vice-Presidente:

Diego Villas-Bôas da Rocha

#### Diretora Administrativa:

Norma T. de Oliveira Beck

#### Diretora Científica:

Tânia Rudnicki

#### Diretora Financeira:

Marilda Peres

#### Diretora Sociocultural:

Luciana Menezes de Azevedo

#### Diretora do Interior:

Maria Aparecida da S. Brígido

### Diretora do Exercício Profissional:

Viviane L. Pickering

### Diretora Suplente 1:

Gabriela Ribeiro Filipouski

### Conselho Consultivo Deliberativo Fiscal – Gestão 2011/2013

#### Presidente:

Magda Medianeira de Mello

#### Secretária:

Ana Paula Terra Machado

#### Conselheiros:

Cicero A. G. de Pinho Antunes

Eluza Maria Nardino Enck

Helena Centeno Hintz

Mazlowa Heck

Mary Georgina Boeira da Silva

Myrna Giron

### SP Informação

#### Comissão Editorial:

Luciana Menezes de Azevedo

Gabriela Ribeiro Filipouski

Daniela Raskin

Revisão: Christianne Lemke

### Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul

Rua Felipe Néri, 414/2º andar

Porto Alegre/RS CEP 90440-150

Fone/Fax: (51) 3331-8586

E-mail: secretaria@sprgs.org.br

Site: www.sprgs.org.br

Twitter: @sprgs

Tiragem: 1000 exemplares

Gráfica Calábria - 3245-7222

### Projeto Gráfico:

Grau Soluções Gráficas

www.grausolucoes.com.br

Os artigos e opiniões são de inteira  
responsabilidade dos autores.



**E**stamos chegando no final da gestão da Chapa Construção. O nome da chapa representa tudo o que foram esses dois anos de diretoria: muito trabalho e ações efetivas que trouxeram resultados concretos para a Sociedade de Psicologia. Gostaria de registrar meu agradecimento sincero e honesto aos sócios da entidade, ao CCDF - pelo apoio, proximidade e atuação na gestão - e, por último, mas não menos importante, aos membros da diretoria - pela confiança, cooperação e espírito de grupo que acompanharam esse mandato.

Nossas ações foram amplas e precisas. Mobilizamos os colegas promoverem debates em diferentes campos teóricos da profissão e foram abertos os comitês da "Abordagem Centrada na Pessoa", "Terapia Cognitivo-Comportamental", "Psicologia Transpessoal", "Espaço Winnicott", "Exercitando a Escuta Psicanalítica", "Psicologia da Saúde e Hospitalar", "Políticas Públicas" e "TCC da Infância e Adolescência."

Nossos comitês se mobilizaram e organizaram grandes eventos, como foi o Seminário "Disfunções Sexuais - do corpo às dores da alma", a VIII Jornada Gaúcha de Psicologia Hospitalar e a Jornada de 2013 "Há vida no tempo no tempo da vida?" - promovendo um debate científico de qualidade, alcançando resultados positivos em todos os quesitos importantes na realização de grandes eventos.

O interior foi valorizado e apoiado na criação e estruturação de núcleos importantes para nossos sócios, como no caso de Uruguaiana e Lajeado. Portarias foram criadas, para a homologação da participação dos sócios nos Conselhos Municipais de Saúde das cidades de São Leopoldo e Uruguaiana.

Mudamos a identidade visual da instituição, modernizando o conceito do site, da sede e da marca da SPRGS. Foram investidos aproximadamente R\$ 80.000,00 em melhorias nas dependências físicas e nos recursos áudio visuais da Sociedade. A Biblioteca Athena foi completamente reestruturada, criando-se espaço para aquisição e organização de inúmeros volumes. Um software para consultas on line foi adquirido e está sendo instalado, visando facilitar a pesquisa dos títulos dos livros de nosso acervo.

Nossa revista mudou de nome. A "Diaphora" encontra-se completamente digitalizada e está disponível on line, seguindo as recomendações e diretrizes da CAPES, propondo-se a publicar artigos inéditos produzidos na área da Psicologia e ciências afins.

A secretaria, o cadastro dos sócios e as finanças da Sociedade foram completamente organizados e otimizados. Um novo software de cadastro dos sócios e controle financeiro foi comprado e está sendo instalado.

O investimento libídico é intenso e constante. Trabalharemos com empenho até o último dia de mandato! Nossa Instituição cresceu muito e pode crescer ainda mais!

Venha coroar esse final de gestão, mostrando força e articulação no grande debate contemporâneo que estamos organizando na Jornada de 2013! "Há vida no tempo no tempo da vida?", a pergunta do título do evento, propõe-se a contribuir para o debate contemporâneo sobre a vida e os modos de ser e existir na atualidade.

Um abraço e bom Final de gestão a todos!"

.....  
**Leonardo Della Pasqua**  
**Presidente da SPRGS**

## Notícias

**A** SPRGS, por intermédio da sua diretoria e iniciativa do Comitê de Saúde e Hospitalar, tem se manifestado ativamente desde a tragédia de Santa Maria, ocorrida no dia 27/1, desenvolvendo treinamentos de intervenção em situações de tragédia e capacitando psicólogos para atuar, com a Cruz Vermelha, no Centro de Hospitalidade, situado na Fundação São João. O trabalho busca acolher e atender os familiares, em casos de necessidade. Também é feito acompanhamento dos familiares no seu deslocamento para os hospitais e para os locais

onde estão hospedados, com a intenção de garantir que estejam recebendo recursos básicos, tais como comida, segurança e abrigo, além de dar apoio antes e depois do momento de cada visita.

Todos os voluntários que trabalharam, até então, nesta operação, receberam no dia 5/3 uma homenagem na Prefeitura de Porto Alegre, onde ocorreu uma solenidade formal e a entrega de um pingente de agradecimento a cada um pelo prefeito José Fortunatti. Entre as voluntárias da SPRGS foram agraciadas as Psicólogas: Luisa Maciel, Bruna

Bayer, Débora Abreu, Alessandra Dias, Raquel Paini, Simone Moraes de Almeida e Diandra Garramones Marques. Também prestaram assistência voluntária junto à rede hospitalar as psicólogas Carolina Halperin, Rafaela Frizzo, Karina Zanotto. Atualmente as atividades assistenciais seguem acontecendo e ainda temos sócios colaborando no Centro de Hospitalidade, pois a operação será mantida, sem data de término.

.....  
**Luisa Zamagna Maciel**



### **Novo Núcleo do Vale do Taquari**

Foi em uma bela manhã de sábado, dia 6 de abril de 2013 que aconteceu na cidade de Lajeado, no auditório da UNIVATES, a cerimônia de oficialização do mais novo Núcleo da SPRGS, o Núcleo do Vale do Taquari. Participaram da solenidade a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Lúcia Bender Pereira, Coordenadora do Curso de Psicologia da Univates, Leonardo Della Pasqua, Presidente da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul, Prof.<sup>a</sup> Débora de Moraes Coelho, madrinha do Núcleo Vale do Taquari, Maria Aparecida da Silveira Brígido, Diretora do Interior e as candidatas à coordenação do Núcleo, as psicólogas Adriane Spessatto, Cláudia Zagonel Bender, Kátia Mottin Tedeschi, Liliane Blomker e Paula Rosana Vettorello, além de psicólogos, estudantes, amigos e parentes que lotaram o auditório da UNIVATES.

O evento apoiado pela Univates é a constatação da finalidade da SPRGS que, de acordo com seu estatuto, é de congregar os psicólogos e estudantes de Psicologia do Rio Grande do Sul. Somos uma entidade de classe e no espaço de uma Universidade, que é de formação e aprimoramento, na qual ocorrem milhares de trocas, diferentes pensamentos e posicionamentos teóricos, assim como práticas diversas, consideramos o privilégio desta parceria.

A SPRGS oferece a seus sócios espaços de continuidade da interlocução dos fazeres, estudos, multidisciplina-

riedade, mas também necessita de circulação de novas ideias, novas propostas, e, portanto, de sócios que venham para acrescentar, somar, propor, crescer. Serem atores no espaço que está aberto pelo novo Núcleo e Universidade. Por este motivo, que ficamos felizes, pois, no Vale do Taquari, temos sócias que estão dentro destas características tão importantes na nossa profissão. Desta forma, além de desfrutar do que a SPRGS tem a oferecer, também pode trazer propostas de diálogos que oxigenem esta entidade que já tem 52 anos de história.

Como Diretora do Interior, enfatizo um pensamento quanto ao interior. Nós da Psicologia sabemos qual é nosso objeto de estudo. Em qualquer corpo teórico é com o interior que nos ocupamos, é sobre o interior que discorremos e é do interior que nos direcionamos para o que está fora. Então, ser ou ter ou partir do interior é algo significativo e até, por que não, simbólico. É por este motivo que afirmo que a Sociedade de Psicologia é de todo o RS. É então dos psicólogos daqui, das fronteiras, como o Núcleo de Uruguaiana, do centro, do Vale dos Sinos, ou seja, daqueles que quiserem participar desta entidade. Parabéns a todos do Núcleo do Vale do Taquari.

### **Núcleo de São Leopoldo**

As atividades em São Leopoldo estão de vento em popa. A coordenadora

Leticia Beck Saldanha com suas coordenadoras adjuntas, Sônia da Silva, Ivete Kemper, Laura Benites, Lia Dauber e Carla Prompt organizaram uma excelente atividade, isto é, a apresentação e posterior debate do filme "In Time" – "O Preço do Amanhã", dirigido por Andrew Niccol (EUA, 2011). O filme expõe uma sociedade não muito distante no tempo futuro em que a superpopulação precisa ser controlada e a maneira encontrada pelo sistema dominante é fazer com que as pessoas nasçam com um relógio biológico digital no pulso e o gene do envelhecimento "ligado" até os 25 anos. Ao chegar a essa idade, o gene é desligado e o relógio passa a marcar o tempo restante de vida. Todos têm apenas mais um ano de existência e, se quiserem viver mais, terão de trabalhar para obter "mais tempo". Assim, coube ao próprio homem se enquadrar no tempo, tornar-se prisioneiro dele, quando o plano original era dominá-lo.

O evento ocorreu na sede antiga da UNISINOS e contou com um número expressivo de pessoas que discutiram questões sobre o filme com os debatedores Leonardo Della Pasqua e Luciana Maccari Lara. O debate foi além do horário previsto denotando o entusiasmo com o tema proposto, a qualidade da apresentação do filme. A esta nova coordenação nossos parabéns.

.....  
**Maria Aparecida da Silveira Brígido**



stock.xcimg

## Luto e perdas na infância

Vou iniciar falando sobre os sentimentos em mim despertados ao assistir ao vídeo do Lilinho. Achei as imagens do vídeo belíssimas, de um encantamento extraordinário, capazes de sensibilizar qualquer um. Acredito que até mesmo os menos sensíveis acabem sendo tocados pela suavidade que é transmitida pelas cenas que nos remetem à infância.

Acontece uma experiência estética (Meltzer), diante da qual não é possível ficarmos indiferentes. Algo nos mobiliza, emociona e também nos faz pensar. Ao ouvirmos a voz do pai, enquanto ele escreve a carta para a filha, sutilmente, vai-se instalando um conflito. O que fazer? Que atitude tomar?

O peixinho, chamado Lilinho, morre. Os pais vivem este conflito, tendo que decidir se contam a verdade à filha ou se "driblam o destino". Embora inseguros diante da possibilidade de a filha perceber alguma diferença entre o verdadeiro Lilinho e o substituto, acabam optando pela segunda alternativa. Decidem mentir, pois acreditam que pior seria expor a menina a um sentimento terrível de perda.

A atitude desses pais não é rara, pelo contrário, é bastante comum. Conversando informalmente com amigos, alguns me contaram que já fizeram o mesmo para evitar falar sobre a morte do peixinho ou da tartaruginha de estima-

ção de seus filhos. Então, rapidamente, compraram outro para colocarem no lugar daquele que morreu.

W. Bion, autor que trouxe grandes contribuições à psicanálise, coloca-nos uma questão interessante: quando é que os seres humanos se darão conta de que a verdade importa? Ele responde que podemos acreditar em qualquer coisa que nos agrada, mas isto não significa que o universo vá se adaptar às nossas crenças ou capacidades particulares. Somos nós que temos que fazer algo a respeito disso. Temos que chegar a um ponto no qual possamos compreender o universo em que vivemos. E não será ocultando a verdade. Então, pergunto: por que é tão difícil para os adultos falarem sobre perdas e morte com as crianças? Os pais da menina do vídeo justificam que as crianças não deveriam saber nada de

ruim, muito menos fatalidades".

Enquanto eu olhava as cenas do filme, eu me peguei pensando e, emocionada, identificava-me com a criança que merecia ter uma infância repleta de alegrias, de brincadeiras e de momentos lindos. Como é difícil enfrentar a dor de uma criança. Mais difícil ainda é enfrentar a dor com a criança. Por outro lado, sei que não existe nenhuma outra maneira de encarar o luto que não seja compartilhar esta vivência com a criança.

Creio que o amor pode ajudar a enfrentar a dor. O sentimento de perda precisa ser chorado e, quando podemos chorar junto com alguém, esta dor fica imensamente menos dolorosa do que chorar sozinho. Oferecer o ombro amigo, o colo, o olhar de carinho, enfim, empatizar com os sentimentos do outro é a forma mais afetiva que existe de ajudarmos no difícil processo de luto.

Mas afinal, o que é mesmo este luto? Como podemos sobreviver a este processo que se impõe, inevitavelmente, em nossas vidas, mais cedo ou mais tarde. Como falar de morte com as crianças, como ajudá-las a elaborar o luto com naturalidade? São muitas perguntas, talvez não tenhamos ainda todas as respostas.

Contudo, como sabemos, é tanto mais difícil enfrentarmos a morte quanto mais amamos aquele que perdemos. Temos o desejo infantil onipotente de

*Como podemos sobreviver a este processo que se impõe, inevitavelmente, em nossas vidas, mais cedo ou mais tarde. Como falar de morte com as crianças, como ajudá-las a elaborar o luto com naturalidade?*

que os seres que amamos vivam para sempre. Não raras vezes, os animais são muito mais do que bichinhos, são como irmãos, companheiros inseparáveis. E, por isso, são estabelecidos fortes vínculos fraternos, difíceis de serem rompidos. É a antiga busca pela eternidade. E são estas primeiras experiências que nos confrontam com a realidade da finitude da vida.

Freud, em "Luto e Melancolia", diz que no luto, um forte vínculo amoroso tem que ser desfeito para dar lugar a outros vínculos, isto é, para que se torne possível a relação amorosa com outras pessoas ou, mesmo, com outro bichinho de estimação. No entanto, sabemos que ninguém abandona de bom grado um objeto de amor, pelo menos de maneira imediata. É necessário que se faça o trabalho de luto. E este é, sem dúvidas, um árduo trabalho para qualquer ser humano, em qualquer idade, uma vez que a elaboração do luto não acontece de imediato, algumas fases se sucedem revolta, desânimo, saudade... até que ocorre a aceitação da perda, quando o ego fica outra vez livre e desinibido" (Freud, 1915).

Winnicott, pediatra e psicanalista britânico, escreveu sobre a criatividade e suas origens. Para ele, é por meio da percepção criativa, mais do que qualquer outra coisa, que o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida". Sua teoria inclui a crença de que viver criativamente constitui um estado saudável, e de que a submissão e a mentira são uma base doentia para a vida. O autor refere que o problema torna-se ainda mais complexo porque contamos com a variação do grau de objetividade quando nos referimos à realidade externa. Para ele, objetividade é um termo relativo, porque aquilo que é objetivamente percebido é, por definição, até certo ponto, subjetivamente concebido.

E é exatamente isto que nos interessa, ou seja, como a criança percebe a realidade, que repercussões essa terá em seu mundo interno e nos seus relacionamentos. De fato, isso vai depender da reação

*Celso Gutfriend, psicanalista do nosso meio, lembra-nos que a narração foi sempre um tema importante para a psicanálise, a qual se vale da palavra para promover transformações. E o relato pode ser benéfico por restituir as pessoas na temporalidade. Neuroses e fantasmas são atemporais.*

do ambiente e da capacidade deste de prover as necessidades da criança em termos de acolher seus sentimentos e ajudá-la a transformar uma vivência dolorosa em uma experiência criativa.

Celso Gutfriend, psicanalista do nosso meio, lembra-nos que a narração foi sempre um tema importante para a psicanálise, a qual se vale da palavra para promover transformações. E o relato pode ser benéfico por restituir as pessoas na temporalidade. Neuroses e fantasmas são atemporais. O autor diz ainda que o diálogo é terapêutico não porque confessa ou desabafa, mas porque é um pedido de ser ouvido e compreendido, ou seja, um pedido para dizer. E dizer é amar, é odiar, enfim, é viver. Contar, diz Celso, é defender-se de dois dos nossos flagelos maiores: o inenarrável e o incomunicável.

Então, não restam dúvidas de que situações delicadas e, às vezes, difíceis da vida das crianças podem ser melhor elaboradas por meio da narratividade. Abrir espaço para que elas possam expressar sentimentos, dúvidas, curiosidades. Estar junto, acompanhando e ouvindo é, por si só, terapêutico. Inventar histórias, desenhar, criar um cenário, dar asas à imaginação. Isto pode ser realizado de diversas maneiras. Por exemplo, a criança pode ler um livro de histórias e, identificando-se com os personagens, vai vencendo seus medos e amadurecendo.

Lembro da função dos contos de fadas. Mas os resultados serão ainda melhores se as histórias forem compartilhadas, ou seja, havendo um narrador e um ouvinte, os quais podem trocar de papéis a qualquer momento, criando-se, assim, oportunidade para uma boa conversa.

Acredito que, principalmente em situações de perda, falar, e falar sobre sentimentos é fundamental para vencer o luto. Além disso, não podemos nos esquecer da importância dos rituais, os quais variam muito de cultura para cultura. Às crianças deve ser dada a possibilidade de organizarem seu próprio ritual, permitindo que elas se despeçam do seu bichinho à sua própria maneira.

Portanto, para mim, a curiosidade, a criatividade, a narratividade e o papel do livro e das histórias para a superação de perdas na infância são temas indissociáveis, se bem compreendidos e manejados, podem transformar-se em instrumentos valiosos para ajudarmos as crianças a elaborarem a separação e a perda de pessoas ou animaizinhos amados.

.....  
**Adriana D. Ribas**

### Referências Bibliográficas:

BION, W. Conversando com Bion Quatro discussões com W.R. Bion Et Bion em Nova York e em São Paulo. Rio de Janeiro, Imago, 1992.

FREUD, S. ( 1917 [ 1915 ] ). Luto e Melancolia. ESB das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XIV, Rio de Janeiro, Imago, 2006.

GUTFRIEND, C. Narrar, Ser mãe, Ser pai Et outros ensaios sobre a parentalidade. Difel, Rio de Janeiro, 2010.

MELTZER, D. Et WILLIAMS, M. H. A apreensão do Belo o papel do conflito estético no desenvolvimento, na violência e na arte. Rio de Janeiro, Imago, 1995.

WINNICOTT, D. W. O Brincar e a Realidade. Rio de Janeiro, Imago, 1975.

---

Envie seu texto, utilizando no máximo 8250 caracteres com espaço, para o email da Secretaria aos cuidados da Comissão Editorial.

## NESP - Núcleo de Estudantes

Dando continuidade às visitas às Universidades, a Sociedade esteve na Uniritter dia 22 de abril.

Neste encontro, com a presença de professores, da coordenadora, professora Debora Coelho, e da nossa diretora científica, Tânia Rudnick, conversamos com alunos das turmas iniciais do curso de Psicologia.

Na ocasião, foi enfatizada a importância do Núcleo de Estudantes da SPRGS na trajetória acadêmica, uma vez que apostamos neste espaço como possibilidade de aprendizado, crescimento e aproximação com a categoria. Reforçamos, ainda, o quanto o pertencimento do estudante nesta instituição pode contribuir ao longo da formação profissional.

Na oportunidade também informamos as diversas atividades científicas agendadas para o semestre.

Por fim, agradecemos pela acolhida, esperando que em breve os estudantes da Uniritter venham participar do NESP.

.....  
**Viviane L. Pickering**

## NIC - Núcleo de Intercâmbio com a Comunidade

O NIC, mergulhado nas análises sobre o tempo, tema da Jornada SPRGS 2013, reflete sobre a experiência do trabalho na comunidade. Convencidos da importância de "tomar posse" das experiências vividas, buscamos uma compreensão do significado de nossa presença/relação com a comunidade em que estamos inseridos. Por que, onde e quando se dá o intercâmbio? A concepção de transicionalidade de Winnicott nos dá um caminho

para essa compreensão. Segundo o autor (1967), é a partir do espaço transicional, no qual a cultura acontece, que o reconhecimento do eu e, simultaneamente, a percepção da realidade externa se constituem. No entanto, este reconhecimento só é possível via a continuidade da experiência no tempo. E aqui encontramos o elo buscado: é a nossa permanência e a continuidade de nossa presença na(s) comunidade(s) que dá sentido à experi-

ência vivida. Este "tempo compartilhado" permite, tanto ao grupo da comunidade se reconhecer como tal - com suas características próprias e seu potencial de autonomia - quanto ao grupo do NIC forjar sua identidade como tal. Em última instância, não é este o objetivo primeiro do NIC? Deste vértice de compreensão, o tempo é sem dúvida nosso grande aliado.

.....  
**Heloisa Furtado**

## NRF - Núcleo de Recém-Formados

Faz quase 11 meses desde que deixei a Bolívia e moro no Brasil, na cidade de Porto Alegre. A Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul tem sido para mim uma porta aberta, isto é, tem contribuído para que eu me sinta inserida no meio psicológico. Sinto-me grata por poder contar com colegas dispostos a receber o outro sem se importar com as diferenças. Isso tem sido, a meu ver, um destaque da profissão, um diferencial do psicólogo no cotidiano.

Nossa profissão precisa ser evidenciada no dia a dia, não só no consultório. Nesse sentido, sinto-me orgulhosa por fazer parte deste espaço tão familiar e profissional que é a SPRGS. Desde a primeira vez que tive contato com a Sociedade, por meio do Presidente e do Vice-Presidente da SPRGS numa palestra, percebi o ar de abertura e aceitação. Percebi que este lugar poderia ser o meu lugar, meu lar.

Depois de estar inserida na Sociedade

e fazer parte de alguns comitês, minha percepção se concretizou. Neste meio fui amadurecendo e acrescentando minha competitividade como profissional, além de fazer amizades que me ajudaram no processo de adaptação ao novo meio de trabalho e de vida. Um processo que consegui conquistar com a colaboração de meus colegas e da Sociedade.

Obrigada a todos!

.....  
**Laura Párraga**

## Era uma vez um conto de fadas inclusivo

**E**ra uma vez, uma linda princesa que vivia à espera do seu príncipe encantado. Este poderia ser o começo típico de um conto de fadas, ou pelo menos, do que esperamos que seja. Mas, e se a princesa não enxergasse? Ou se o príncipe, ao invés de vir montado num cavalo branco, viesse tocando uma cadeira de rodas?

Assim é a coleção de livros "Era uma vez um conto de fadas inclusivo", que traz onze contos de fadas recontados de forma que os personagens principais possuem algum tipo de deficiência e que tem por objetivo aproximar o universo infantil do universo das diferenças.

Sou fisioterapeuta, trabalho há quatorze anos com crianças com deficiência física, intelectual e múltipla, e sempre entendi que crianças não são adultos pequenos. Logo, fazer da terapia um momento que englobasse aspectos lúdicos, educativos e, principalmente terapêuticos, sempre se constituiu num grande desafio. Alongar uma criança e ao mesmo tempo contar uma história é uma boa tática de distração, visto que alongamentos no geral são doloridos e motivo de reclamação dos pequenos pacientes. Foi nesse contexto que passei a acrescentar deficiências aos personagens dos contos de fadas. Chapeuzinho Vermelho tornou-se cadeirante, Cinderela perdeu um dos pés e Aladim passou a ter Síndrome de Down. Percebi de imediato que havia uma identificação positiva entre os meus pacientes e os novos personagens que eu lhes apresentava: a deficiência deixava de ser unicamente um aspecto nocivo e limitador para se transformar numa característica que poderia pertencer a qualquer personagem ou a qualquer pessoa e que, sobretudo, não

impedia que os mesmos lutassem por um final feliz. Dessa forma, João sem braços terá que achar um jeito de subir pelo pé de feijão e Branca Cega de Neve precisará contar com seus outros sentidos para escapar das garras da malvada madrasta.

Outra questão que chamava minha atenção durante os atendimentos de fisioterapia era que, do lado de fora da sala de reabilitação, crianças sem deficiência brincavam com as cadeiras de rodas dos seus irmãozinhos com a maior naturalidade do mundo, como se elas fossem carrinhos de corrida. Ou seja, crianças sem deficiência que conviviam desde cedo com crianças com deficiência, viam na cadeira de rodas dos seus irmãos um instrumento lúdico e não um objeto de conotação negativa e que muitas vezes é associado a impossibilidades, perdas ou limitações.

Todavia, nem todas as crianças sem deficiência têm a possibilidade de conviver desde cedo com pessoas que possuam algum tipo de necessidade especial. Por isso, mostrar para uma criança sem deficiência que a linda princesa dos contos

de fadas pode precisar de uma cadeira de rodas para se locomover, como no caso de "A Bela Amolecida", pode ser uma forma de introduzi-la no universo das diferenças e de chamar a sua atenção para o fato de que as pessoas possuem necessidades variadas.

Sendo assim, cada livro da coleção contempla um aspecto da deficiência. Cinderela sem pé e Pinóquio das muletinhas sofrem *bullying* na escola, João e Maria fazem uso da língua de sinais para fugirem da bruxa e Rapunzel teme que o príncipe a despreze por ela ter uma deficiência. Ou seja, situações vivenciadas por quem possui algum tipo de limitação física, sensorial ou intelectual e que englobam desde o preconceito até a capacidade de fazer uso da deficiência em benefício próprio.

Seguindo o molde tradicional dos contos de fadas, fiz questão de manter o final feliz nas histórias, mas sem retirar o elemento da deficiência. Exceto em um dos contos, no qual uma paralisia foi adquirida pela princesa por obra da maldição de uma bruxa e que então, um beijo do príncipe cadeirante poderia resolver a questão; nas outras histórias os personagens permanecem com as suas deficiências e convivem bem com elas. O que diferencia os contos de fadas inclusivos dos contos de fadas que já conhecemos é que, além de aguçarem a fantasia dos pequenos leitores, eles ainda apresentam um novo universo que discute e estimula o respeito às diversidades, contribuindo para a construção de futuros adultos mais abertos a questões como inclusão, acessibilidade e valorização das diferenças.



**Cristiano Refosco**





## A Escola sobrevive ao tempo da vida?

Penso que sim.

Apesar de estarmos cada vez mais inseridos em um mundo no qual as informações ocorrem por meios eletrônicos, e a tecnologia muitas vezes faz a vez do professor, não podemos esquecer que a escola é antes de tudo um meio de socialização para as pessoas. É nela que trocamos ideias, formulamos conceitos, mas, sobretudo, vivenciamos a troca de saberes e de valores.

É por meio da interação com outras pessoas que aprendemos por experiência direta, por observação, por instrução ou por *feedback* interpessoal a ter limites para nossos desejos e a formar nossas crenças.

Certamente a escola não é o único meio pelo qual a criança pode se socializar ou obter informações, mas ela centraliza e ordena esse conhecimento passando-o de forma gradativa de acordo com a capacidade maturacional de cada um. Ela acolhe os anseios por conhecimento e instiga a capacidade inventiva, além de orientar as famílias no processo de ensino e aprendizagem das regras básicas de convivência social.

Todavia, a escola que sobrevive ao tempo da vida tem que poder acolher o sentimento dos alunos, ensinando-os a lidar com suas emoções, seus limites,

suas diferenças. Tem que desenvolver, antes de tudo, a competência social de seus estudantes. É essa competência que vai fazer o indivíduo ter um relacionamento saudável, sentir-se satisfeito e obter recursos emocionais para viabilizar e potencializar a sua aprendizagem, bem como para enfrentar o mundo do trabalho, o qual exige hoje, mais do que conhecimento técnico, competências emocionais, para se sair bem no que faz.

Mais do que nunca, a escola precisa cumprir com esse papel, pois o que se vê atualmente é um mundo virtual cheio de novidades e recursos novos, para obter informações e até mesmo, se comunicar com diversas pessoas. No entanto, o ser humano tem demonstrado menos capa-

cidade de se relacionar olho a olho e de lidar com as demandas dos outros. Além disso, a violência e a intolerância às diferenças pessoais têm se tornado comum entre crianças e adolescentes através da prática de *bullying* ou numa dimensão muito maior, através do *cyberbullying*. Tudo isso com danos à saúde mental de seus envolvidos, às vezes irreparáveis.

Sendo assim, o psicólogo escolar torna-se peça fundamental para a obtenção desses objetivos, trabalhando na elaboração de um plano de prevenção ao *bullying* e a outras demandas escolares e colocando em prática todas as técnicas necessárias para a criança ter competência social. Fazendo, obrigatoriamente, a inserção da família e de todos os funcionários da escola nesse processo. Assim, ele será capaz de cumprir com uma das funções mais importantes do psicólogo escolar, ajudar no desenvolvimento sadio dos processos cognitivos, por meio de intervenções preventivas baseadas em evidências.

Só assim a escola sobreviverá ao tempo da vida.

Cláudia Delgado Bauer

*“...a violência e a intolerância às diferenças pessoais têm se tornado comum entre crianças e adolescentes através da prática de bullying ou numa dimensão muito maior, através do cyberbullying.”*

Envie seu texto, utilizando no máximo 4200 caracteres com espaço, para o email da Secretaria aos cuidados da Comissão Editorial.

<input type="checkbox"/> MUDOU-SE	<input type="checkbox"/> FALECIDO	<input type="checkbox"/> END. INSUFICIENTE	<input type="checkbox"/> INFORMAÇÕES ESCRITAS PELO PORTEIRO OU SÍNDICO
<input type="checkbox"/> DESCONHECIDO	<input type="checkbox"/> AUSENTE	<input type="checkbox"/> CEP	
<input type="checkbox"/> RECUSADO	<input type="checkbox"/> NÃO PROCURADO	<input type="checkbox"/> NÃO EXISTE Nº INDICADO	REINTEGRAÇÃO AO SERVIÇO POSTAL EM ____/____/____ EM ____/____/____
RESPONSÁVEL _____			

## O Tempo e a ambivalência em Áquila

O século, XII. Europa. O filme, "Ladyhawk" (1985). Um cavaleiro, Etienne (Rudger Hauer). Uma bela mulher, Isabeau (Michelle Pfeiffer). Um Bispo (John Wood). Uma maldição, O feitiço de Áquila (port).

Este filme inesquecível, sensível e emocionante presta-se a diversos entendimentos psicológicos. Dentre os quais privilegiei um aspecto do tema da nossa próxima jornada, o "tempo" em suas relações com a ambivalência e na formação da estrutura do caráter.

Segundo Abraham, os mitos são relíquias da vida mental infantil do povo, e os sonhos constituem os mitos do indivíduo, abundantes nesta película, para o entendimento deste aspecto vistos entre o bem e mal, o amor e ódio, a lua e sol, ausência e presença...

Entre o Bispo tomado de raiva e

ciúme, o cavaleiro e a linda mulher forma-se uma tríade edípica envolvendo o componente instintivo do sadismo, tal como existe na libido infantil com as duas tendências opostas de prazer: a destruir o objeto (ou o mundo externo) e a de controlá-lo.

O feitiço demoníaco do Bispo objetiva que o casal fique "sempre juntos, eternamente separados" (ambivalência): de dia, Isabeau toma a forma de um falcão e à noite, Etienne transforma-se num lobo. Nenhum dos dois tem memória da sua meia vida em forma de animal (como num sonho) e somente ao anoitecer e no amanhecer de cada dia eles podem ver um ao outro em forma humana por um momento fugaz, sem nunca poderem tocar-se.

Enquanto a trama discorre magnificamente num belo cenário em castelos da Itália, os planos se desenvolvem para

desfazer o feitiço através da previsão de um monge sobre um eclipse solar em Áquila, que irá criar "um dia sem noite e uma noite sem dia". Nesta ocasião, quando os amantes estiverem juntos, em forma humana diante do Bispo, a maldição será quebrada.

Um toque da impossibilidade de uma **felicidade** numa ambiguidade de **ausência-presença**, é um aspecto que nos remete pensar sobre a relação com o **tempo**.

Vale conferir!

.....  
**Mazlôwa Maris Heck**

Envie seu texto, utilizando no máximo 2000 caracteres com espaço, para o email da Secretaria aos cuidados da Comissão Editorial.

## Leitura

### Intervenções e Treinamento de Pais na Clínica Infantil

A Biblioteca Athena recebeu como doação a coleção da Editora *Sinopsys*, dedicada à abordagem cognitiva. Uma de suas obras sobre a Clínica Infantil, escrita por Marina Caminha e Renato Caminha, aborda de maneira atualizada a intervenção junto aos pais.

Realizar a psicoterapia infantil sem a inclusão dos pais no tratamento é praticamente inviável para o êxito do processo terapêutico. Com base em sua experiência na prática clínica, ensino e supervisão, os autores compõem leveza e técnica em um texto com importantes contribuições. A obra inicia com uma revisão teórica sobre o Treinamento de Pais, evoluindo das intervenções preventivas com vistas à promoção da saúde mental até os

distintos transtornos diagnosticados na infância.

O treino tem sido comumente utilizado para casos relacionados ao comportamento opositor ou à incontrolável indisciplina da criança, colocando em risco a si próprio e aos outros. A habilidade no manejo dos filhos reflete diretamente no repertório social da criança. Portanto, o objetivo principal é tornar os pais agentes de transformação. Os comportamentos desadaptativos das crianças estão pautados em características individuais, assim como nas práticas parentais desadaptativas. O elenco de comportamentos utilizados pelo sujeito se forma desde a infância e são modelados pela aprendizagem social, através do condicionamento vicário. O vínculo forma a base da socialização emocional parental, fornecendo ao sujeito um conjunto de habilidades para identificar, entender e responder as informações promovendo

a regulação emocional. Identificar quais estratégias utilizadas pelos pais para colocar limites nos filhos e quais os tipos de enfrentamentos adotados pela criança nos aponta o que está sendo transgredido de fato e quem é o transgressor: pais ou filho. Técnicas inovadoras como a modelação dos neurônios espelho, estratégia *rainbow*, botão de emergência e mapa da memória são alguns dos excelentes recursos apresentados pelos autores para a eficácia do tratamento infantil. A obra atinge sua proposta e mostra-se uma relevante leitura.

.....  
**Marisa Marantes Sanchez**

Envie seu texto, utilizando no máximo 2000 caracteres com espaço, para o email da Secretaria aos cuidados da Comissão Editorial.